

Investimento na economia brasileira começou a diminuir a partir de 1982

TÓQUIO (Da Enviada Especial) — O Japão tem expressiva participação na economia brasileira e, até antes da crise financeira internacional de 1982, chegou a ver no Brasil uma perspectiva de ampliar sua própria indústria. Foi com essa expectativa que os empresários e bancos japoneses investiram no projeto de fabricação de alumínio (Albras-Alunorte), nas siderúrgicas Usiminas e Tubarão, e na fabricação de equipamentos para plataformas petrolíferas, executada pela empresa Ishikawajima.

Racionais e objetivos, os empresários e banqueiros japoneses possuem toda uma rede de informação sobre o Brasil, que chega constantemente pelo sistema **fac-simile** de escritórios instalados no Brasil. Em 1983, eles investiram US\$ 410 milhões (Cz\$ 8,2 bilhões) em projetos brasileiros. Em 1984, com a recessão aplicada no Brasil, o nível de novos investimentos caiu para US\$ 318 milhões (Cz\$ 6,36 bilhões) e, em 1985, foi registrada a entrada de US\$ 115 milhões (Cz\$ 2,3 bilhões), o que mostra grande queda de interesse do empresariado do Japão relativo ao Brasil.

O Japão tem, hoje, o maior superávit do mundo, tendo obtido, apenas em fevereiro, US\$ 5 bilhões (Cz\$ 100 bilhões) de saldo comercial (o que o Brasil precisa, por ano, para pagar sua dívida externa). A discussão do problema começa a interessar à população japonesa, como se pode no-

tar pelas notícias publicadas na imprensa. Os japoneses reclamam que, apesar de sua moeda estar cada vez mais forte com relação às demais (o iene obteve valorização de 50 por cento no ano passado, com relação ao dólar), os preços dos produtos importados não são reduzidos, ou seja, o consumidor não tem sido beneficiado pela excelente performance do país no exterior.

Com muito dinheiro para aplicar, o empresário japonês vive, no momento, uma busca de mercados. Por enquanto, o Brasil, que já foi considerado quase que uma extensão da produção de metais japoneses, passou a ser considerado um País de risco para os investimentos. O Plano Cruzado, em Tóquio, repercutiu como uma inovação inconseqüente de economistas do Terceiro Mundo, como analisam os jornais especializados, com base em informações obtidas junto aos empresários e banqueiros.

A Embaixada brasileira e o próprio Banco do Brasil confirmam que, desde a instituição do Cruzado, os japoneses passaram a observar meticolosamente o Brasil, desconfiados. Depois do retorno da inflação e da crise cambial brasileira, coroados com o **default** (declaração de insolvência), o problema foi agravado: os japoneses continuam investindo disciplinadamente nos projetos em andamento, mas não fazem novos.